

## **ETICA, TORTURA, MORTE E REPRESSÃO MILITAR. Relendo jornal passado**

O Coronel Passarinho firmara, em artigo de jornal, a inexistência de torturas e assassinatos durante o regime militar. Talvez até estivesse sendo sincero, posto que passarinho, em *vol d' ouseau* , nem sempre enxerga das alturas, o que outros, colegas de penas e patas, praticavam nos porões dos quartéis ou, p. ex. nos campos de extermínio, na “*selva da Guerrilha do Araguaia*”.

O erro ótico do Cel. Passarinho foi hoje *corrigido por outro colega militar: Jose Vargas Jiménez* . Não sabemos se no Exército a verdade tem posto. Acreditaremos no coronel ( embora não haja ele atingido o generalato) e não no tenente. A versão de *Jose Vargas Jiménez* merece acreditada. Não apenas porque relata o que fez porque superiormente lhe ordenaram, mas sim porque o feito militar aparece historicamente comprovado.

oi, segundo sua auto nomeação *guerreiro de selva da Guerrilha do Araguaia*. O citado militar reconhece o torturar e matar como pratica autorizada e ordenada. E celebrada, inclusive com a conhecida *Medalha do Pacificador* entre outros encômios. Vale anotar que muitas entidades representativas da sociedade civil organizada na lutas em prol dos conteúdos éticos dos Direitos Humanos, a partir do Grupo Tortura Nunca Mais-RJ GTNM, com o tributo, em 1989, ao abnegado e corajoso lutar de Dom Evaristo Arns, instituíram a contra-partida : *Medalha Chico Mendes de Resistência*.

Mas a Historia não descreve linearidades buscando aperfeiçoar valorativo. E na citada entrevista, o militar *Jose Vargas Jiménez*, comprova o retrocesso ao relatar sua participação entre 2/10/1973 e 27 /02/1974. Revela: a) mulheres e filhos de moradores da região do Araguaia, feitas prisioneiras, eram torturadas; b) tiveram que se prostituir para sobreviver; c) as filhas adolescentes dos camponeses, sob o terror, eram oferecidas aos militares; d) a ordem era para atirar primeiro e perguntar depois, entravamos para matar, destruir e não fazer prisioneiros; e) nos remete a cruel etapa humana das hordas bárbaras : “

Livro didático ( Semântica Política ), edição projetada para 2008 (Documenta Histórica Editora, Rio) será dedicado justamente a esses militares golpistas de 1964, repressores radicais, eficientes e violentíssimos estafetas dos interesses da hegemonia financeira. Contra a violação sistematizada de Direitos Humanos, um protesto modesto diante dos despojos político-morais de anestesiamento e indiferença, espécie de nojenta herança retidas nas trilhas das patas militares e atuais patas civis servis blindando este conhecer e naturalizando o absurdo. Postula-se eticamente o oposto : o registro objetivo e verdadeiro do ocorrido, não a blindagem e aceitação do que foi desprezível.

[ acerca daqueles que , durante longo tempo ( bota “longo tempo” nisso) espoliaram a Nação, feriram maiorias pobres, bloquearam aventuras intelectuais e conhecimento histórico, blindaram ( atualmente os civis servis encarregaram-se em manter blindados. Tanto e tão constante invadiram nossas vidas que, mesmo não querendo alguns, milhões especializaram impulsos libertários contra tal ocupação. É o que, muito tempo passado, ainda persiste nas universidades, nos ativismos sociais, nos poucos públicos ministérios e intensamente nas almas dos diretamente alvejados.

Um companheiro professor, já falecido, como eu, isolado tarefeiro intelectual, costumava repetir: sou professor de Economia por estudo e sorveteiro por injunção militar. E acho que *nós, os atingidos pela repressão militar, enquanto vivos somos o protesto da nossa geração mutilada. A inconformidade não foi resolvida pelos assassinatos na região do Araguaia ( “ um rio que ainda não passou em nossas vidas!” )* , por volta de 1973. O que disse então parece pretensioso, se escrito. Mas é a verdade. Este exercício jocoso e catártico em torno da Ética e Direitos Humanos (palavras que então nem apareciam escritas nos Preâmbulos dos Atos Institucionais, não pronunciadas pelas pessoas, embora pulsassem em todo mover do povo até derrubar tal funesta e medíocre ditadura.

Tal atitude quer salvar do ressentimento/treva com registros menores (diante da enormidade da opressão exercida ) revelando alguns fatos, repulsas, etc.. Pelos menos questionar o ufanismo governamental que saturou nossas mentes após 1964, com *slogans* do tipo “ *Brasil, ame-o ou deixe-o*”. Que sucesso! Os opositores do imperialismo pela violência armada, passaram ( quando escapavam dos tantos assassinatos ) os que não *amavam* o Brasil e , por isso deviam, posto que descartáveis, *deixa-los*. A eliminação física e política, o vilipêndio ao cadáveres e sepulturas deliberadamente não encontráveis foram as imediata modalidade para os *não amantes* do Brasil o deixassem. O recado reiterado aos opositores, nomeados *subversivos*, foi direto, celebrado e sincero. Hoje, em 2008 devo reconhecer o quanto os repressores militares foram honestos e sinceros ao dizer “ Brasil, ame-o ou deixe-o” . Eles falavam enquanto se olhavam ao espelho! Apenas , os militares repressores que recomendavam, não sei que Brasil *amavam*, mas sabemos que muito demoraram muito a *deixar* o Brasil , ou melhor, não o fizeram com a pressa que recomendaram. Mas o ufanismo aparecia na glorificações desses praticantes, medalhas e declarações afirmativas das iniquidades, inflando todos eles, qual encarnando a idéia eu sou o Brasil, a Ordem, a Pátria, a Justiça!

Se o celebrável da vida foi de amputando dos tantos brasileiros, e sem remédio, a pouca ironia daqueles sem possibilidade de esquecer, talvez , quem poderá trazer certo alívio. O escritor Jose Américo de Almeida aconselhou o compositor José Siqueira (então massacrado pelos militares) , que me transmitiu, no mesmo tom, esse horror é uma onda e voce, bom nordestino, deve mergulhar e deixar passar pelo alto. Não se apoquente, vai passar!

De fato, a repressão assumida e explícita, qual onda, passou. Não o que deixou de ferimentos e mutilações, regerminando no solo nazista onde se mantem , pulsando viva, dentro da despolitização, alienada (ou assumida), o medo (ou repulsa) ante o menor aceno de latinoamericanidade caribenho-africana. Por outro lado, se tais negatividade carregaram

tanta dor, tortura, brutalidades, irracionalidades, não conseguiram suprimir tantos que aprendendo resistir, suportaram , conseguiram sobreviver e, ao início do século XXI e ainda marcam encontro com a Esperança.

Ofereço este livro a quem sofreu, resistiu, sobrevivendo ou sucumbiu ante a força da irracionalidade dessa sabida barbárie. Oferecimento com lembrete: aquele inferno , monstruosamente criado, introjetando e projetando identificações *sou a bandeira, o hino, a Pátria!*, foi historicamente estertor espasmódico, arrogante e prepotente de alumbrados (militares e civis,todos servis ante o imperialismo) com o primeiro orgasmo de poder usurpado. Ao que tudo indica, como se espera, não reincidira.

Os estudantes hoje , distanciados do acontecido, devem conhecer fatias simples e sinceras do vivenciado no período. Pelo menos registro : isso ocorreu, além das complacências e tantas homenagens "cívicas" de hoje, prestadas aos opressores, torturadores e matadores de ontem. Relatos parciais do vivido podem, apenas com sua verdade, valer para perder e relembrando, impedir que se repita?

Portanto, dedico meu livro exclusivamente aos militares e seus áulicos civis (de 1964 a esta parte), os últimos velozes e impunes *neo-liberais da "nossa esquerda" atual* , todos repulsivos entregantes do *Brasil e de suas riquezas*<sup>1</sup>,

E, de sobremesa, tributo singelos : 1) do niteroiense de Alexandr Keller : *não bata num Poeta para não levar um poema pela cara*; e, 2) "*vem servil, com a filosofia, lambe botas dos tiranos*" (Aldous Huxley).

Para que a negatividade não seja o tom desta dedicatória, tao afetiva e reconhecida, uma palavra positiva de esperança : À eles todos o derradeiro grasnar do *Raven*, de Allan Poe: "**Never More! Never More!** " ]

---

<sup>1</sup> **Uso titulo de livro didatico de Waldomiro Postsh, que infundia na juventude na decada de 40 um entusiasmo pelo o Brasil que a repressao militar de` 1964, transmudou em caminhos de perder e morrer.**